

Peste negra infesta a capital da corrupção

RACHEL DE QUEIROZ

Brasília, realmente, é linda. Vista do alto, quando o avião se aproxima, ou vista cara a cara, quando lhe pisamos a terra firme. Tão branca, pousada ali, tão de leve, tendo ao redor aquele horizonte azul e aberto que parece um horizonte de mar. Também, como não seria ela assim bonita, criada naquelas geniais pranchetas? Brasília nasceu clássica, dentro dos padrões novos de arquitetura. E não é à toa que foi oficialmente consagrada patrimônio cultural da humanidade.

Mas Brasília é, também, uma cidade de proveta. Sua tumultuada gestação não proveio de um longo

processo natural, como sucede com as outras cidades do mundo. Não foi o acaso gradual, nem a variável iniciativa dos habitantes que a foi formando, cada qual levantando a sua casa, cada senhor construindo o seu palácio. Ela saiu, como Minerva da cabeça de Júpiter, do risco genial de duas cabeças — Lúcio e Oscar. Assim, não sendo um produto natural, filha de um ocasional ato de amor, Brasília — será exagerado dizer? — nasceu sem alma. Mal lhe aprontavam uma quadra, ou um edifício público, iam sendo ocupados por levas sucessivas de burocratas, que lá chegavam atraídos pelas vantagens funcionais. E assim, de maquete em ponto grande, virou

cidade povoada de hóspedes provisórios; que lá se aboletavam pelo prazo limitado de um mandato, conquistado por votos dispersos, vindos do território imenso da Federação.

Hoje, trintona, balzaquiana, Brasília já tem seus filhos nativos. Os descendentes daqueles funcionários (relativamente poucos) que se fixaram meio precariamente na capital nova, dependentes do humor variável das nomeações e das transferências. E das aposentadorias.

Assim, sem tradição, sem antepassados locais, sem avós nem bisavós, brotada como por ação mágica no deserto do cerrado, onde nem índio havia antes, Brasília

deu no que deu.

Em toda parte há escândalos, sabe-se, no Brasil, nos Estados Unidos, em Europa, França e Bahia. Na Itália, a podridão empesta os seus palazzos de mármores seculares. No Japão, a toda hora se

noticia o suicídio de um grande, apanhado em flagrante de corrupção.

Contudo, Brasília está demais. Ultrapassa todos os parâmetros toleráveis, corrompe até alguns que supúnhamos incorruptíveis.

Os virtuosos, em Brasília, deveriam andar com uma estrela na testa, para que se lhes prestasse reverência geral. Quanto mais comissão de investigação inventam, mais se aperta o nosso coração. Quem sabe qual vai ser ago-

ra o novo réu? Os parlamentares, ou juízes, os do poder direto, devem se entreolhar a cada manhã, desconfiados, contando cabeças, para verificar se falta alguma.

Não tenho andado por lá, mas deve ser uma sensação permanente de pressão, inse-

gurança, medo, rai-va. Os inocentes temendo tanto quanto os culpados,

pois o dedo apontado de um criminoso pode lhes sujar o nome, até que se possa provar a calúnia. Ninguém se sente seguro;

quem, anos atrás, aceitou uma passagem de cortesia, uma cesta de Natal, pode ter sujado as mãos, já que desconhecia as intenções do doador; e o que parecia um simples brinde, na verdade, seria um começo de suborno.

Em 1994 — daqui a meses —



■ A escritora Rachel de Queiroz escreve aos sábados neste espaço

ULTRAPASSA TODOS OS PARÂMETROS TOLERÁVEIS

ainda em plena epidemia dos escândalos, haverá eleições gerais. A população da capital irá se renovar maciçamente, os inquilinos dos palácios serão mudados, mudados os ocupantes da Avenida dos Ministérios, da Praça dos Três Poderes. O nosso honrado presidente Itamar Franco (Deus o abençoe!) transferirá a sua coroa de espinhos para outra cabeça. E que faremos, nós, os do resto do Brasil, espectadores inermes da tragédia encenada no Cerrado? Acho que só nos resta rezar. Implorar que, "da imensa amplitudão destes céus" como diz o hino, desça o Espírito Santo, ilumine os eleitores — especialmente ilumine e fortaleça o coração e a consciência dos que saírem eleitos. Amém!